

ECOS DO ALGARVE

Director e Editor:
JOÃO GARCIA DE BARROS JOR.

TRIMENSÁRIO

Propriedade de:
J. G. de Barros Jor.

1
Fevereiro de 1961
—
Ano I - N.º 13
◆
PREÇO AVULSO 1\$00

Redacção e Administração: Rua Dr. António José d'Almeida, 32 - Telefone 285 - Lagos ◆ Publica-se nos dias 1, 10 e 20 de cada mês ◆ Oficina: Emp. LitoGRÁFICA DO SUL, Lda. - Vila R. S. António

É COM a mais profunda emoção que o País segue o desenrolar do tresloucado acontecimento do assalto ao «Santa Maria», que nos faz voltar às longínquas épocas em que os mares eram do domínio dos corsários.

Estamos certos que, o Governo da Nação, tomou já as medidas que se impõem, no sentido de punir com os rigores da Lei, aqueles que tentam perturbar a paz que temos a felicidade de desfrutar.

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

EM 24 de Janeiro de 1668 é alistado como simples soldado, no Regimento de Infantaria de Lagos, Santo António de Lisboa, sendo depois, em 1683, promovido a capitão e, em 1777, a major. Num atestado passado pelo comandante do referido Regimento para efeito de uma das promoções há esta passagem: «Outrossim certifico que em todos os papéis e registos acima mencionados não existe alguma nota relativa a Santo António, de mau comportamento ou irregularidade praticada por ele.»



Em Évora foi prestada homenagem ao general Alves de Sousa

No passado dia 18, no Quartel-General da extinta 4.ª Região Militar, foi prestada uma homenagem de despedida ao sr. general Alves de Sousa, ilustre algarvio, que há 3 anos comandava aquela Região Militar com rectidão e justiça. No palácio D. Manuel foi servido um almoço oferecido pelos oficiais que serviram sob as suas ordens, almoço que decorreu num ambiente de verdadeira solidariedade.

Estavam também presentes os srs. Arcebispo de Évora, generais Meira e Cruz, Comandante da 2.ª Região Militar, Duarte Silva antigo Comandante da 4.ª Região Militar, brigadeiros Pinto de Oliveira e Bravo da Costa, coronel Passos e Sousa, coronel Campos Andrada, comandante da E. P. 4, major Francisco António Correia Leal da E. P. A., oficiais da G. N. R. e G. Fiscal e os srs. governadores civis de Beja, Évora e Faro. O extinto B. de Caçadores 4 estava representado pelos srs. Capitães Carlos Angelo Quintino, Francisco Eduardo Pio e capitão-médico Dr. Manuel Rodrigues Clarinha. Ao sr. General Alves de Sousa foi oferecida uma artística e valiosa salva de prata.

História do Teatro em Lagos

Para que os novos saibam e os mais idosos recordem, e com profunda saudade o farão, vamos tentar fazer a história do teatro em Lagos. A tarefa é um pouco difícil pois muitos elementos se perderam com o andar dos tempos. O primeiro teatro que existiu nesta cidade, segundo apresentam livros antigos da Igreja de S. Sebastião, data de 1604, mas não se indica o local onde esse teatro funcionou.

Muitos anos depois aparece o teatro Artístico Lacobrigense, que funcionou na rua de S. Sebastião e

Grémio da Lavoura de Lagos, Aljezur e Vila do Bispo

Por impedimento da sua vida profissional, foi exonerado, a seu pedido, das funções de presidente da direcção do Grémio da Lavoura de Lagos, Aljezur e Vila do Bispo, lugar que há cinco anos vinha desempenhando com a maior dedicação, proficiência e geral simpatia, o nosso amigo e assinante sr. Dr. José Joaquim Lopes Figueiredo Luís.

Encerramento das Comemorações do V Centenário da morte do Infante D. Henrique

Sagres — Cabo do Mundo — Maravilha do Mundo! Sagres é a mais bela página da História de Portugal.

Foi ali, olhando esse Mar de bravura inconsciente, que o nobre Infante D. Henrique sonhava a grande epopeia marítima das descobertas. Na sua Vila de Sagres, sobre escarpados rochedos, morreu essa nobre figura que dilatou a Fé e o Império. Tinha pois, que ser ali, que deveriam ser prestadas e encerradas as Comemorações do V Centenário da sua morte.

Com a presença dos srs. Ministros da Presidência, das Obras Públicas, Dr. Caeiro da Mata presidente da Comissão Executiva das Comemorações, Dr. César Moreira Baptista, Secretário Nacional de Informação, deputado eng. Sebastião Ramirez, Governador Civil de Faro, Presidentes da

Major-aviador Manuel de Barros Amado da Cunha

De visita a sua mãe a sr.ª D. Henriqueta de Barros Amado da Cunha, que se encontrava doente, esteve uns dias nesta cidade o nosso amigo e assinante sr. major-aviador Manuel de Barros Amado da Cunha. Natural de Lagos, este distinto oficial, goza da maior simpatia, não só na sua terra, mas em toda a província dada a maneira como desempenhou, há anos, o espinhoso cargo de Governador Civil do Algarve.

Junta de Província e da União Nacional, das Câmaras Municipais de Faro, Lagos e Vila do Bispo e outras entidades oficiais representantes da imprensa da capital e da província, Mário Lister Franco pelo «Correio do Sul», e João Garcia de Barros Jor. pelo «Ecos do Algarve», foram inauguradas, o Auditório, a Casa de chá na antiga fortaleza de Beliche e a Pousada na ponte da Atalaia.

Após a inauguração foi, na Pousada, sumptuoso edifício com todas as comodidades e exigências modernas, servido um almoço a todos os convidados. Usaram da palavra os srs. dr. Teotónio Pereira, ministro da Presidência, eng. Arantes e Oliveira, ministro das Obras Públicas, dr. Caeiro da Mata e o sr. José Maria Estêvão, presidente da Câmara Municipal da Vila do Bispo.

(Conclui na 4.ª página)

O CARNAVAL EM LOULÉ

A VILA de Loulé, honrada e digna, como atestam os seus pergaminhos, é das terras do Algarve, uma das mais progressivas, e por isso ocupa na sua vida económica, inconfundível posição de relevo. Vai ela, mais uma vez, mostrar os seus

méritos, com o seu já tradicional Carnaval, que de ano para ano cresce de entusiasmo e constitui um dos mais apreciáveis atractivos da nossa Província, nesta época, trazendo àquela vila muitos milhares de visitantes.

A sua Comissão de festas tem envidado todos os esforços para que as batalhas de flores e outras diversões do Carnaval de 1961 continuem a marcar uma posição de re-

(Conclui na 3.ª página)

Visado pela delegação de Censura



O Secretário de Estado da Agricultura usando da palavra na sessão inaugural do Congresso Internacional de Orthocide

A CIDADE

O que é a cidade?... Donde vem ela?... Certos livros encarregados de nos elucidar a tal respeito, fazem-no por uma definição concisa, que é a seguinte: A cidade é uma circunscrição local compreendendo a colecção dos cidadãos... Clara e irrefutável explicação que, no entanto, não oferece ao nosso desejo de saber mais do que um sonho sem alma.

Prosseguindo as nossas pesquisas, sabemos que a sua denominação vem directamente do latim «Civitate». Esta palavra, em Roma como na Gália, aplicava-se ao coração mesmo da aglomeração de primeira ordem, destacando-se das outras pela sua importância.

Fora dos seus muros privilegiados, «Civitate» transformava-se em vila, da qual a primeira interpretação foi «Casa de Campo» e que em seguida estendia-se às reuniões dessas habitações construídas por cidadãos desejosos de tranquilidade, de espaço e de ar puro.

Entre os escritos e os discursos dos legisladores, descobrimos que a cidade era um conjunto mais ou menos feliz, de construções mais ou menos numerosas, dispostas em ruas e abrigando os fogos que a constituíam, dos quais a diversidade de estilos acusavam as origens e a idade. Edifícios comunais, guardas de instituições elaboradas nas brumas dum passado que lhes serviu de pai, para manter o equilíbrio indispensável à harmonia do dia a dia da sua existência, assim como à sua progressão.

Para todos os estudantes do mundo, sentados deante dos seus

(Conclui na 4.ª página)

Clube Recreativo Tavirense

O Clube Recreativo Tavirense, da cidade de Tavira, uma das mais aristocratas cidades do nosso Algarve, promove este ano um interessante concurso de quadras do carnaval. A direcção deste Clube enviou-nos o respectivo regulamento que agradecemos e a seguir transcrevemos:

Concurso de Quadras do Carnaval

REGULAMENTO

1.º — O Concurso de Quadras do Carnaval promovido pelo Clube Recreativo Tavirense realizar-se-á na noite de Domingo Gordo, 12 de Fevereiro, no salão de festas do mesmo Clube.

2.º — Poderão concorrer todos os poetas portugueses, com produções inéditas.

3.º — As Quadras serão firmadas com um pseudónimo e acompanhadas por um envelope lacrado, contendo exteriormente apenas o pseudónimo e interiormente o verdadeiro nome do autor e respectiva morada.

4.º — Todas as Quadras devem ser escritas em papel formato comercial. Não é obrigatório serem dactilografadas, mas torna-se indispensável que venham escritas com letras bem legível.

5.º — O prazo para entrega das produções termina à meia noite do dia 10 de Fevereiro.

6.º — As produções serão enviadas com o seguinte endereço: A Direcção do Clube Recreativo Tavirense — «Concurso de Quadras do Carnaval» — Tavira.

7.º — A apreciação dos trabalhos será feita por um Júri, cujas decisões são irrevogáveis.

8.º — O resultado do Concurso de Quadras do Carnaval será tornado público na noite de 12 de Fevereiro (Domingo Gordo), no Clube Recreativo Tavirense. Nessa altura serão lidos os trabalhos premiados e abertos os envelopes dos respectivos autores, cujos nomes serão então divulgados, cabendo ao primeiro, segundo e terceiro classificados, a escolha da «Rainha» e «Damas de Honor», respectivamente.

9.º — As Quadras premiadas poderão ser lidas pelos seus próprios autores se estiverem presentes e assim o entenderem, pois de contrário serão lidas pelo leitor ou leitores oficiais.

10.º — Se os poetas classificados não estiverem presentes e não tenham apresentado delegado para os representar, cabe ao Júri a escolha da «Rainha» ou suas «Damas de Honor».

11.º — Haverá prémios para os três primeiros classificados.

12.º — Não poderão concorrer os membros do Júri nem será permitido a qualquer autor guardar anonimato.

VENDE-SE

Prédio, 1.º andar e rés-do-chão, Rua das Alegrias, 29, Lagos. Informa: Raul Queirós Taquelim, Lagos.

Rodrigo Raimundo Rodrigues

OFICINA DE RELOJOARIA
Consertos em Ouro, Prata, Relógios, Máquinas de Somar, Registadoras, de Escrever, Fotográficas e de Costura
FAZ ORÇAMENTOS
Rua Cândido dos Reis, 6 — LAGOS

EDITAL

José Hermenegildo Duarte Fragoso, Vice-Presidente da Câmara Municipal do concelho de Lagos.

Faz público que, esta Câmara Municipal em sua reunião ordinária de 11 do corrente, deliberou suspender a venda de sepulturas reservadas, em virtude da insuficiência de sepulturas comuns que permitam a rotação pelo período de 5 anos estabelecido na Lei e não ser possível a criação de novas áreas de sepulturas no actual cemitério.

E, para constar, se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do concelho de Lagos, 17 de Janeiro de 1961.

O Vice-Presidente da Câmara,

José Hermenegildo Duarte Fragoso

A SERRA DO ALGARVE

A Serra algarvia, faixa de relevo de xisto argiloso do Norte da Província resulta do solevantamento da península alentejana dissecada pelo conseqüente encaixe da rede hidrográfica.

A natureza do solo determina todo o carácter regional da sua ocupação humana. Cortada de vales, com caminhos difíceis, tem um solo muito pobre, e parte dele não permite culturas.

No séc. XVIII apenas existiam algumas casas dispersas e os cultivos restringiam-se ao fundo dos vales. Há pouco mais de meio século ainda grande parte destes terrenos — «pouco menos que mata-gais maninhos» — se conserva coberta por um maquis com azinheiras, sobreiros, chaparros e medronheiros, e enormes áreas de estevas, vegetação meridional onde apareciam, por vezes, elementos da flora atlântica.

No século passado, a introdução de adubos químicos, aberturas de vias de comunicação e leis proteccionistas da produção nacional de cereais originaram, como em todo o país, a transformação da economia serrenha. As roças e queimadas rasgaram clareiras nessa terras pobres, sujeitas a afoalhamento e longos pousios, para culturas cerealíferas. Só nos fundos dos vales e encostas os solos de aluvião permitiam culturas de regadio.

Além da produção de cereais (trigo, cevada e aveia), a Serra vive, completamente, da exploração da cortiça e criação de porcos, ovelhas e cabras; também se criam abelhas para a produção de mel e cera, e fabricam-se queijos do leite de ovelha.

Na expressiva quadra que a seguir se transcreve, dirigida aos habitantes da orla, o povo da Serra distingue as duas unidades regionais al-

Uma rapariga de 15 anos com 55 centímetros de altura

Não julguem os nossos leitores que se trata de uma notícia vinda do Entroncamento, onde se têm dado fenómenos quase inacreditáveis. A rapariga com 15 anos e cinquenta e cinco centímetros de altura que se chama Delmira Maria, é filha de Isabel Maria e de José Domingos e é natural de Aljezur, vivendo com seus pais no sítio da Azenha, junto àquela Vila. Ela doméstica e ele trabalhador é um casal pobre, mas feliz com a sua filha Delmira que mede de altura, como já dissemos, somente 55 centímetros.

Não é só no Entroncamento, que surgem casos curiosos.

garvias, diferenciando, com certa ironia, as economias respectivas:

Sou da Serra, sou serrenho
E vendo carne às arrobas;
Eu não sou como vocês
Que só comem alfarrobas.

A repartição da terra apresenta grandes contrastes, desde herdades a pequenas propriedades, de culturas sobre queimadas e com pastagens para o gado, cuja criação compensa, com a exploração do montado, a fraca produtividade da terra. Por isso faltam, na Serra, grandes povoações, havendo somente lugares, alguns com poucos habitantes. O povoamento, recente e disperso, é constituído por grupos de jogos, colonizados por casais do Baixo-Algarve, que se fixaram, de preferência, junto aos cursos de água.

Parte da população serrenha emigra temporariamente para o Alentejo, na ocasião das ceifas, e definitivamente para o Brasil, Venezuela, Ultramar, etc..

Os rudimentares meios de transportes e a resistência de usos comunitários são testemunho do isolamento mantido pela Serra durante séculos. Mas esta região de solo pobre, renovada pela economia e acréscimo populacional, pode ser racionalmente melhorada pelo aumento dos sistemas de regadio e pela arborização, cobrindo-a, de preferência, de árvores rústicas, como a azinheira e o sobreiro.

No conjunto da Serra destacam-se os terrenos eruptivos de Monchique, massa de relevo de altitude superior a 900 metros, que determina uma importante precipitação numa Província de secura mediterrânea tão vincada. A constituição do solo e o clima favorecem a agricultura, pois a rocha eruptiva, alterando-se, origina solos mais ricos que os de xisto da restante Serra. Como conseqüência, Monchique distingue-se por uma maior ocupação do solo e divisão da propriedade. Coberta de socacos, a sua economia intensiva, cuidada e diversificada, assenta na abundância de água para as culturas de rotação (batata, milho, legumes) e pomares; há viveiros de eucaliptos cuja madeira se destina, com a do castanheiro, à indústria regional de mobiliário; fabrica-se aguardente, dos medronheiros que crescem espontaneamente nos arrabaldes da Serra; nos terrenos mais altos, não socacados, encontram-se pastagens para o gado.

A densidade de população da Serra de Monchique é muito superior à da restante Serra do Algarve, e nela têm assento três grandes povoações — Marmeleite, Casais e Alferce — além da sede do concelho.

A oeste da Serra algarvia, as depressões de Aljezur e da Sincera representam já retalhos de características semelhantes às do Baixo-Algarve.

MAC

ASSINATURAS

(Cobrança de conta dos assinantes)
Trimestre, 9 números . . . 9\$00
Semestre, 18 » . . . 18\$00
Ano, 36 » . . . 36\$00

Panorama!

Lá no Laos
Reina o caos!

E por Cuba
Há derruba!

No país do Rei Alberto
O perigo já anda perto!...

E no Congo
Soa o gongo...

O Indostão mais que nu...
É Produto do Nehru!

Nas faldas do Himalaia
Anda tudo de atalaia...

A China, de mui renome,
É grande, mas já tem fome!

Por terras da nova RAU
O Nasser levanta o pau...

Porém, o povo judeu
Quer defender o que é seu!...

O Russo, que nunca para,
A todos... impinge a tara...

Enquanto na doce NATO
O torpor é caso chato!

No final chega ONU
Com receitas e unguentos,
Mas nos solenes momentos
O pitéu ven sempre crul...

Bolas p'ra tanto bronze,
Que me causa sumo tédio!
Vou largar um ponta-pé
Nos maus filhos de Noé,
Pois não há outro remédio!...

Lisboa, 24-1-61 Zé Gil

TAGUS

COMPANHIA DE SEGUROS

Deseja V. Ex.º um contracto perfeito?
Procure o Agente em Lagos.

FIOS DE LÃ PARA TRICOT

NOVAS QUALIDADES

(AOS PREÇOS DE FÁBRICA)

ESCOCESA desde Esc. 150\$00

cada quilo

ALEMÃ, Esc. 200\$00, cada quilo

PEÇAM AMOSTRAS PARA

J. P. ÁLVARES

FERREIRA, LDA.

Rua da Madalena, 78 — Tel. 27652

(Junto à Rua dos Retroseiros)

LISBOA

ENVIA-SE À COBRANÇA

Notícias Pessoais

A fim de ocupar um lugar recentemente criado nos C. T. T. em Faro, deixou o cargo de chefe da Estação Postal desta cidade o sr. Pedro do Nascimento de Brito, que há anos o vinha desempenhando com proficiência e distinção. O sr. Nascimento de Brito deixa em cada lacobrigense um amigo.

«ECOS DO ALGARVE» deseja-lhe muitas felicidades no desempenho do novo cargo para que foi nomeado e cumprimenta também a sua esposa sr.ª D. Fernanda do Nascimento Brito.

Foi nomeado chefe da Estação Postal desta cidade o sr. Vítor Hugo Viola que exercia as mesmas funções na Vila do Bispo.

Farmácias de serviço em Lagos

De 4 a 10 de Fevereiro a Farmácia SILVA.

De 11 a 17 de Fevereiro a Farmácia NEVES.

AGENDA

Do caçador

As espécies não indígenas podem caçar-se nas albufeiras, lagoas e terrenos pantanosos. É permitido também a caça, sem cão, aos pombos bravos, à espera nos montados ao Sul do Tejo.

Movimento do porto de Lagos

Pesca

Desde 19 a 25 de Janeiro

TRINEIRAS:

Brisamar 24.000\$00

Marisabel 555\$00

Total 24.555\$00

Águas de Colónia 4711
Perfumes CIEL D'ÉTÉ
Produtos de maquilhagem
SAINT ANGE
Só na
Papellaria ABREU
LAGOS

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA
DIRECÇÃO-GERAL DOS COMBUSTÍVEIS

EDITAL

Eu, Mário da Silva, eng.-chefe da 2.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis;

Faço saber que a Sociedade Anónima Concessionária da Refinação de Petróleos em Portugal SACOR pretende obter licença para uma instalação de armazenagem para venda de gasóleo, sita na Praia da Balieira, Sagres, freguesia de Nossa Sr.ª da Conceição, concelho de Vila do Bispo e distrito de Faro.

É como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do decreto n.º 29.054, de 1 de Outubro de 1958, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do decreto n.º 36.270, de 9 de Maio de 1947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de mau cheiro, perigo de incêndio, explosão, derrames e emanações nocivas, são por isso e em conformidade com as disposições do citado decreto n.º 29.054, convidadas as entidades singulares ou colectivas a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Repartição, Av. Miguel Bombarda n.º 6, em Lisboa.

Lisboa e Direcção-Geral dos Combustíveis, em 13 de Janeiro de 1961.

O eng.-chefe da 2.ª Repartição,

Mário da Silva

Os «ECOS DO ALGARVE» vendem-se:

LAGOS — Papellaria Segurado

PORTIMÃO — Casa Inglesa

FARO — Casa Farracho, Rua de Santo António

LISBOA — Tabacaria Mónaco, Rossio e «Incrementum», Rua de Santa Marta, 58-3.º, onde se recebem assinaturas e publicidade.

ECOS DO ALGARVE

Vende-se e recebem-se anúncios na

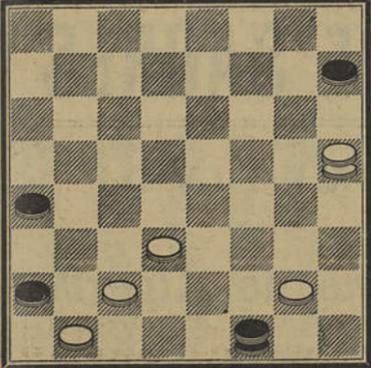
Papellaria «SEGURADO»

— LAGOS —

DAMAS

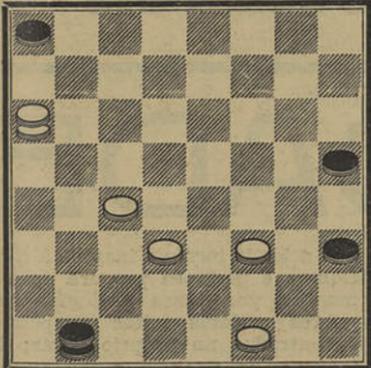
Orientador: Amadeu M. Coelho
— Boliqueime — Algarve —

Problema inédito n.º 19
por Janota — Algarve



Jogam as brancas e ganham

Problema inédito n.º 20
por Janota — Algarve



Jogam as brancas e ganham

Nota: Foi ganho em campo prático pelo autor.

Jogo n.º 6

Disputado por correspondência entre: Amadeu M. Coelho (Boliqueime) brancas e Mário Dinis Vaz (Cacilhas) pretas. 1946.
10-14, 22-18; 5-10, 23-20; 1-5, 27-22; 12-15, 20-16; 14-19, 17-21; 10-14, 25-21; 5-10, 30-27; 8-12, 27-23; 9-13, 18-9; 4-8, 21-18; 14-30, 23-5; 15-20, 24-15; 12-26, 29-22; 11-15, 22-18; 30-21, 18-13; 21-11, 5-1; 6-10, 1-12; 8-15, 13-10; 15-19, 10-5; 19-22, 5-1; 22-26, 28-24; 26-29, 1-23; 7-12, 16-7; 3-12, 23-16; 11-7, 16-20; 12-16, 20-23; 29-15, 23-30; 7-3, 31-27; 15-8, 24-20; 16-23, 27-20; 8-19, 20-16; 19-22, 32-28; 22-19, 28-24; 19-22, 24-20; 3-6, 30-23; 6-24 etc. Empatado.

ISQUEIROS
gaseificadores de gasolina
Última novidade da indústria alemã
Papelaria ABREU
LAGOS

«CASA ACORDÉON»
Sob a gerência de
ISIDRO SILVA DUARTE
Rua Infante D. Henrique, 194 e 196
Telefone 144 • PORTIMÃO

Quando V. Ex.ªs forem a **Portimão** não deixem de visitar esta casa, onde encontrarão um magnífico serviço de Pastelaria, Sandwichs e Cerveja a copo. Esta casa tem também à descrição: vinhos verdes e maduros de todas as marcas assim como «Brandys», Licores e Xaropes de todos os géneros.
A gerência desde já agradece a vossa visita.

CAFÉ NACIONAL
de **J. Borges & Agostinho, Lda.**
LAGOS { 1 de Dezembro, 1
do Dique 5
Telefone 276
PORTIMÃO

PERFUMARIA - DROGARIA

de

J. J. Matias Baptista

Perfumaria

Drogaria

Produtos Medicinais

Produtos dietéticos

Rua Cândido dos Reis, 34

— LAGOS —

POR TERRAS DE ALÉM-MAR

Impressões de viagens

O destino impele-nos para o desconhecido; por isso lá vamos nós — por mares nunca dantes navegados — (no dizer do grande épico) seguindo as rotas dos célebres navegadores lusitanos, que assombraram o mundo com os grandes feitos da sua história!

Há um prazer infinito em desvendar o ignoto; então à medida que nos aproximamos do ponto a atingir, a nossa alma transborda cada vez mais de alegria, e o navio donairoso vai compartilhando do entusiasmo que nos anima.

Já as avesinhas, vindas das costas longínquas, nos acompanham, poisadas nas pontas dos mastros; são os primeiros mensageiros a saudar-nos e a anunciar a aproximação da terra amiga.

Assestam-se binóculos, perscrutadores de novos horizontes; por aqui e por ali, gente

O Carnaval em Loulé

(Conclusão da 1.ª página)

levo igual ou superior se possível, à dos anos anteriores. O produto das festas destinase como de costume, ao Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Loulé. Pela circular que a Comissão teve a amabilidade de nos enviar, verifica-se que já se iniciaram a construção dos muitos carros alegóricos que se apresentarão no cortejo. E parece que, este ano, muitos deles se apresentarão possuídos de fino gosto e beleza, honrando assim, mais uma vez, a tradição e a nossa Província.

que, apressada e nervosamente, muda de bordo, admirando os vários e sucessivos panoramas que se desenrolam à nossa vista.

Organizam-se grupos, combinam-se passeios e discute-se a melhor maneira de passar fora do navio as horas fixadas.

A pesada âncora é arrastada com fragor para o seio das águas, e enquanto ela ali se conserva, sondando o mistério dos abismos, nós, passageiros, lá vamos para terra, em procura de impressões novas, que suavizem a vida assaz monótona de bordo.

É grande a ansiedade em conhecer o país de que somos hóspedes efémeros.

Museus, teatros, lojas, restaurantes, preparam-se para nos receber com galhardia; e a natureza, em tudo pródiga, e para nossa maior glória, encanta-nos com os seus maravilhosos quadros!

Nalgumas regiões longínquas pulsaram outrora corações portugueses; é então, com vivo sentimento patriótico, que admiramos velhos baluartes e padrões, a atestar, com toda a sua generosidade, a passagem, a permanência e os actos heróicos dos nossos antepassados, que constituem uma verdadeira epopeia.

Volta-se enfim para bordo; e o navio acolhedor, que é a nossa casa, lá vai novamente arfando e sulcando as águas em demanda de outros destinos; e nós, sempre com o desejo ardente de ver e admirar novas terras e novos mundos espalhados por quatro continentes, sentimo-nos por vezes felizes e despreocupados desta vida cheia de ilusões.

O. S.

Champoo «Helena Curtis»
Sábonetes «Leily»
Baton «Stop»
Vendem-se na
Papelaria ABREU
LAGOS

ENTRE NÓS MULHERES

DE TUDO UM POUCO

Os acentos ortográficos — Os acentos ortográficos foram empregados pela primeira vez, na língua grega, pelo gramático Aristófanes de Bisâncio, que ensinava na Alexandria no ano 264 A. C. Em França começaram a usar-se no tempo de Luís XIII, pelo ano de 1610.

O primeiro correio aéreo — Gaham-se os ingleses de terem estabelecido no mundo o primeiro serviço postal aéreo; mas as antigas crónicas chinesas revelam que, no tocante a correios pelos ares, lhes levou dianteira de mil anos um filho do celeste império, com a única diferença de que, no século XX, o carteiro é um aviador, e, naqueles remotos tempos, o foi um ganso bravo.

Agentes de publicidade

Procuram-se em todo o Algarve para o jornal «ECOS DO ALGARVE» — Lagos.

Bons conselhos

Três por três — Há três poucos e três muitos funestos ao homem: pouco saber, pouco ter e pouco valer; muito gostar e muito presumir.

Três muitos são recompensados por outros três muitos: muito estudo dá muito saber; muita rectidão dá muita paz; muita reflexão, muita sabedoria.

Três bons médicos existem no mundo: o dr. Dieta, o dr. Alegria e o dr. Trabalho.

De três qualidades carece o homem para viver feliz: paciência para suportar os males; crença para evitar os vícios; sossego do coração para conciliar os homens.

Para se viver em paz praticam-se três verbos: ouvir, ver e calar.

A cortezã Thais — Thais, cortezã grega do século IV A. C., era admiravelmente bela e, pelos seus encantos, seduzia e apaixonava toda a juventude de Atenas. Menandro, o poeta cómico, abandonou Glycéria para se juntar a ela, cujo nome deu a uma de suas peças. Mais tarde, Thais conquistou Alexandre da Macedónia, que a levou para as suas campanhas da Ásia. Morto Alexandre, Thais casou-se com Ptolomeu, rei do Egipto, de quem teve dois filhos.

A coloração da pele — Há épocas em que a pele toma uma tonalidade acinzentada que a desmerece muito. Ao notar isto, é conveniente aumentar a quantidade de verduras e frutas na dieta, eliminando, em troca, as frituras e as gorduras em geral. Beber abundantes líquidos, especialmente em forma de sumos de frutas frescas.

Estimule a pele com maçagens e exercícios faciais e use um adstringente com generosidade. Lembre-se de que a pele é um espelho em que se reflecte sempre a saúde do organismo e que a sua cor só melhorará quando as deficiências tenham sido eliminadas.

E' de aconselhar também, nestas ocasiões, uma máscara de beleza. Aclarará a pele, melhorará a sua cor e eliminará as impurezas.

EDITAL

João António da Silva Graça Martins, Engenheiro-Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que Joaquim da Ponte requereu licença para instalar uma oficina de ferrador, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, cheiro e fumos, situada no Largo da Porta de Portugal n.º 15, freguesia de S. Sebastião, concelho de Lagos, distrito de Faro.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2-2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 12 de Janeiro de 1961.

O Engenheiro-Chefe da Circunscrição

João A. Silva Graça Martins

COSTA D'OIRO
PENSÃO RESTAURANTE
(1.ª CLASSE)
TELEFONE 35
Rua Marquês de Pombal
LAGOS

PACHECO, L. DA

LISBOA - R. de Campolide, 76
LAGOS - R. Luís de Camões, 4

COMPRAS DIRECTAS ÀS FÁBRICAS

Sempre Novidades ◆ Sempre os melhores preços

Os artigos de estação passada serão vendidos como saldos, com grandes descontos, que podem ir até 50 %.

EDITAL

José Hermenegildo Duarte Fragoso, Vice-Presidente da Câmara Municipal do concelho de Lagos.

Faz público que, de harmonia com a deliberação tomada por esta Câmara Municipal, em sua reunião ordinária de 11 do corrente, no dia 9 de Fevereiro próximo, pelas quinze horas, no átrio do edifício dos Paços do Concelho, se procederá à arrematação em hasta pública, de todos os papéis, vidros, latas, etc., retirados dos lixos recolhidos da estrumeira durante o corrente ano, sendo a base de licitação de Esc. 800\$00 (oitocentos escudos).

E, para constar, se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do concelho de Lagos, 17 de Janeiro de 1961.

O Vice-Presidente da Câmara,

José Hermenegildo Duarte Fragoso

PALAVRAS PARA TODOS

Recordo-me que em tempos li uma crónica subordinada ao título «Cultura e Província» e assinada por um nome bem conhecido de todos, como é o de António Quadros, que nos diz, com o seu grande conhecimento, dos porquês e como deveria ser a vida cultural, nos lugares afastados do meio onde o intelecto se desenvolve por intermédio da discussão séria e que embora, muitas vezes não tenha um fim prático, serve ao menos para não deixar o espírito correr ao encontro do embrutecimento. Claro que no grande meio, onde a novidade corre sob várias versões, é necessário pensar para comentá-la. Ao contrário, no lugar afastado, na província, a novidade «interna» corre a uma velocidade supersónica com uma versão apenas (não se discute a veracidade) e por vezes um pouco aumentada. Neste caso, depois da pólvora espalhada, o bom povo, voz de Deus, por si só, ajeita o rasilho e não pensando, comenta o caso pelo velhíssimo Costume dos romanos, dando a sentença. E é do conhecimento de toda a gente que este facto se regista em todas as populações que não atingem grande coeficiente habitacional e como é de prever, cultural.

Diz-nos António Quadros que o habitante do meio pequeno está sofrendo uma enorme transição, tentando acompanhar a louca corrida do progresso; praticamente ele sente-se impotente. Procura discernir o que não está ao seu alcance e depois, como não está habituado a grandes esforços acerca do que nunca foi do seu conhecimento entra francamente em decaência.

Para chegar a este fim, a culpa é de todos. E afinal não é de ninguém. A desculpa é o meio. Mas afinal pode-se e deve-se combater o ambiente, sempre moribundo, sem desvirtuar a cultura popular que é afinal a tradição hereditária do nosso povo.

O problema, que é o nosso, o de uma pequena cidade, que podendo aumentar (e não é

este, agora, o caso focado), deve crescer também sob outros aspectos.

Aqui, existem massas que embora não fugindo completamente à tradição, vivem talvez um pouco ao lado, se as virmos de um ângulo especial, e que afinal é verdadeiro. Assim, separando-se da tradição e sem outros meios de relação, fora do seu alcance, nasce a inquietação. Essa inquietação, para a qual, na maior parte das vezes não se sabe qual é o remédio. Disto, resulta o seguinte, como já devem ter verificado:

— Uns, mais calmos, que não se importunam com a inquietação, deixam-se levar pela monotonia da conversa por monossílabos, sem ideais, e que por vezes toma o aspecto da anedota do Oeste americano. Estes que não fogem, existem apenas. Talvez no passado, tivessem querido viver, mas o meio quebrou-lhes o ânimo. E eles deixaram!

— Outros, que tentam fugir, passam uma vida agitada, de insatisfeitos, com a angústia de que o meio os vença. E então combatem. Dentro das suas possibilidades, muito poucas por vezes, lançam-se a qualquer coisa.

Sobre este último aspecto, António Quadros fala-nos do teatrinho da terra (que não temos); no grupo ou agremiação recreativa (no nosso caso temos; — e que é que se faz?; da tertúlia do café (?), e finalmente do jornal. E nesta tecla que se vai pisar agora. Precisamente numa coisa de que muitas terras não se orgulham de ter. Mas nós, que temos, podemos-nos orgulhar. E é razão para isso. Calculo que nunca pensaram nisto! Mas na realidade é para meditar.

Um jornal, seja qual for a

sua categoria, não é somente um órgão informativo; é também um elo entre o povo. E se é do povo, este deve dar-lhe a sua colaboração já que se orgulha de ter um jornal. Não interessa saber que muita gente escreve e que portanto a nossa ajuda literária é dispensável. Isso é um erro tremendo assim como pensar que nada temos a dizer. Andou-se na escola, sabe-se escrever, há ideias, logo... para a frente.

Por isso e por que amo este Algarve de sonho, é que eu dou o exemplo de um jornal de província, como é o caso de «A Planície», de Moura, que tão bem atingiu o seu objectivo, tendo a servi-lo um braço de jovens de boa vontade que afinal, se servem a eles também. Na sua campanha de bem servir, este jornal lançou-se abertamente pela dignificação da vida provinciana.

Antes de terminar com esta, quase conversa, eu peço licença para transcrever as últimas palavras de António Quadros no seu artigo «Cultura e Província»:

— «Cultura e província não são palavras contraditórias. Têm andado um tanto afastadas, é certo, mas na sua fusão provirá um decidido e amplo progresso da cultura portuguesa».

E neste caminho, (o que se segue é quase uma exortação), o que se torna mais necessário é, claro está, uma boa dose de boa vontade. Já que sabemos criticar, podemos também fazer alguma coisa. Quem critica, é porque possui mentalidade para isso; logo, também tem sabedoria suficiente para colaborar, fugindo ao mesmo tempo à monotonia própria e sempre próspera do meio em que vivemos.

Luis Alexandre

História do Teatro em Lagos

(Conclusão da 1.ª página)

sede do Montepio se mudou em 1877. Nesse mesmo ano, um grupo de amadores, montou, na rua Augusta, hoje rua Cândido dos Reis, num prédio que pertenceu à família Josino da Costa e pertence aos herdeiros do falecido industrial Paulo Cocco, um teatro a que deram o nome de Teatro Lacobrigense. Este pequeno teatro deixou de funcionar quando se concluíram as obras do Teatro Gil Vicente.

O Teatro Gil Vicente foi construído em parte nas ruínas do Convento do Carmo, que foram aforadas para esse fim em 3 de Julho de 1862. Os trabalhos para a sua construção começaram em 16 do mesmo mês e ano. Um grupo de lacobrigenses, formaram uma sociedade tendo no seu início 52 accionistas. Foram seus principais promotores António José da Cunha, António Francisco Ribeiro Guimarães, capitão do Porto de Lagos, José Saturnino de Oliveira Soares da Rocha, José Joaquim Marques Ferreira que formaram a primeira direcção. Na época em que foi construído, e mesmo alguns anos depois o Teatro Gil Vicente poderia considerar-se um bom teatro de província. Possuía trizas camarotes de 1.ª e 2.ª ordem, varandas, cadeiras e geral, sendo a sua lotação de 600 lugares. Além de um espaçoso palco, possuía um salão onde os espectadores podiam estar nos intervalos. A sua inauguração foi um verdadeiro acontecimento e o teatro encontrava-se literalmente cheio. A estreia foi feita com a peça «Vinte e nove» ou «Honra e Glória» interpretada

pelos senhores José Teixeira Simões, proprietário, José Paleta, amanuense da Câmara, José Augusto Guerreiro, proprietário, Belchior Paleta, proprietário, Fernando António de Freitas Oliveira, escrivão de direito, Cândido Mota Ferreira, Alferes de Inf.ª 15, José António Melo Vieira, médico, António Augusto da Paz Furtado, telegrafista e Júlio César Dantas Mouverte, oficial da Alfândega de Lagos. É interessante recordar que este último era pai do erudito académico lacobrigense Dr. Júlio Dantas. Esta pequena e simples história do teatro em Lagos, demonstra que é justamente na parte espiritual que reside a expressão maior dos sentimentos de um povo. Verifica-se através dos tempos que Lagos cultivou sempre a arte de Talma.

O teatro foi sempre uma afirmação de vitalidade e de alto valor espiritual e não somente um frívolo e vulgar espectáculo. O teatro educa e civiliza. É bem triste e desolador notar-se que Lagos não tem hoje um teatro digno desse nome; o Teatro Cine-Império, talvez o melhor Cinema da província, não possui condições indispensáveis para teatro. Prova-se que foi um grande erro o ter-se permitido a demolição do antigo Teatro Gil Vicente, que devidamente ampliado e modernizado servia perfeitamente as exigências da lei e do povo. Sacrificou-se um teatro em benefício de uma escola, sem se lembrarem que o teatro também é uma escola e tão necessária à educação dum povo como qualquer outro.

TOBEM

Reabriu hoje o RESTAURANTE INFANTE DE SAGRES

(BAR PRIVATIVO)

O mais moderno do Algarve
Comodidade - Asseio - Conforto
Preços acessíveis

A CIDADE

(Conclusão da 1.ª página)

atlas, as cidades são pontos negros ou vermelhos, de dimensões variando segundo o lugar que elas ocupam nos seus países respectivos, sobre os quais os seus dedos ágeis se colocam para responderem às exigências dos seus professores, ou para seguirem os sonhos que os nomes familiares ou estrangeiros fazem nascer nas suas jovens cabeças, quase sempre prontas a se abandonarem nos braços da aventura.

Das maiores de todas as capitais, partem as inúmeras ramificações que fazem delas o cérebro das nações... e alastram sobre estas últimas os tesouros de Civilização acumulados pelos séculos.

As cidades são tudo isto. E muito, mas, contudo, é bem pouco em vista do que elas poderiam ser e do que foram antes de serem o que são.

Importante ou humilde é, antes de tudo, a parcela de terra que foi sempre a verdadeira pátria daqueles que viu nascer, a testemunha viva da história das famílias que a compõem, assim como a do seu País e dos Povos, o indiscutível património dos seus filhos, — o alto e seguro caminho desejado pelo viajante e o estrangeiro, logo que a noite chega, e também a última visão dos nativos que morrem longe dos seus muros, e o refúgio do filho pródigo cansado de errar de terra em terra, à procura daquilo que os seus tenros anos não souberam descobrir no seu pequeno canto natal.

Fundada por incalculáveis gerações de mãos humanas é descendente de um punhado de homens, de mulheres e de crianças oriundos se não da mesma família, pelo menos da mesma raça e implantado sobre o seu solo por um destino que, talvez, o expulsara do seu território de origem ou, então, simplesmente guiado por uma judiciousa escolha baseada sobre as promessas dum mínimo de segurança.

Do aumento desses primeiros fogos, da tenacidade a toda a prova, do heroísmo sublime dos inúmeros sofrimentos das criaturas, tão desconhecidas como esquecidas que as compunham, nasceu o embrião da cidade.

Reuniões de choças edificadas em volta dum fogo comum, cuidado dia e noite pelos anciãos, aqueles

Encerramento do V Centenário da morte de D. Henrique

(Conclusão da 1.ª página)

Toda a imprensa deu grande relevo a este facto e os órgãos da imprensa algarvia não deixaram de marcar a sua posição, congratulando-se pelo importante acontecimento, como algarvios que muito amam a sua província.

que a idade tornava inaptos à quotidiana e perigosa procura de alimentos, por vezes protegido por pobres recintos feitos de pedras encontradas no próprio lugar; de troncos de árvores aguçados ao fogo ou, na sua falta, de lama e ervas secas ao sol, esta aglomeração era sempre dirigida por um chefe eleito sobre a fé dos seus méritos pessoais.

Esse condutor de homens primitivos, vivendo sob a dura legislação da natureza, dos elementos e de acontecimentos sobre os quais a sua experiência o deixava desamparado, governava mais pelo exemplo do que por doutrinas que lhe seria difícil expor e aqueles que o ouviam teriam tido até dificuldade em acreditar nelas.

Uma vez eleito, o conjunto da pequena população era-lhe inteiramente devota e metia ao serviço da comunidade, por seu intermédio, os dons recebidos à nascença, mas na hora do perigo ele era o único e verdadeiro sustentáculo dessas criaturas unidas pelo instinto da conservação, como o mais forte de todos os intintos que regem os seres vivos, sejam eles quais forem.

Os problemas que esse chefe tinha de resolver encontravam-se, na maior parte, longe daqueles que hoje assediam um governante exercendo com consciência o mandato que lhe confiou o povo, tanto pelo número incalculável dos anos, como pelo motivo que o sujeitavam a esses problemas, e aos deveres que incumbiam então a cada membro do agrupamento, que poderiam ainda servir de exemplo a um bom cidadão moderno.

Do valor e do comportamento desse chefe dependia não só a tranquilidade da pequena colectividade, mas ainda a daquelas que mais tarde seriam fundadas sobre os mesmos princípios, por membros que a insuficiência de alimentação obrigaria a procurar um outro habitat, por jovens ricos duma personalidade demasiadamente forte sem sofrer o jugo duma obediência que eles estavam, no entanto, prontos a aplicar por sua própria conta, reconhecendo que, sem ela, a segurança não podia existir.

(Continua)

H. DELAGARDE DE BARROS

João da Silva Correia

Serviço oficial:
Peugeot-Renault
Volvo-International
Telef. 286 — Rua 1.º de Maio, 58
LAGOS
Oficina de reparações

ANO I — N.º 15

LAGOS

AVENÇA

ECOS DO ALGARVE